

18 JUL 1990

Economia

# jornal da tarde

Publicado pela S.A. O ESTADO DE S. PAULO  
 Av. Eng.º Cristiano Alves, 55 — 856-2122 (PABX) — CEP 02598  
 São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01051 SP — E. Telegráfico ESTA00  
 Telex 011.23511 — Fax 265-2297



Fundado em 1875

**JÚLIO MESQUITA**  
 (1891 - 1927)

**JÚLIO MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA**  
 (1927 - 1969)

**Diretor Responsável**  
**RUY MESQUITA**  
**Diretores**

Julio de Mesquita Neto  
 Luiz Vieira de Carvalho Mesquita  
 Ruy Mesquita  
 César Tacito Lopes Costa  
 José M. Homem de Montes  
 Oliveros S. Ferreira

**Diretor de Unidade**  
 Ruy Mesquita Filho  
**Diretor de Redação**  
 Fernão L. Mesquita  
**Editor Chefe**  
 Celso Kinjo

**Diretor Superintendente**  
 Francisco Mesquita Neto  
**Diretor Comercial**  
 Orlando Marques  
**Diretor Agência Estado**  
 Rodrigo L. Mesquita

## É hora de abrir o jogo

Este é um momento delicado no processo de estabilização da economia. É o momento em que um povo viciado em inflação ainda não está inteiramente desintoxicado; sofre os efeitos colaterais do tratamento, ainda não viveu a sensação de estar livre da dependência e, por isso, debate-se e aspira pela volta ao vício.

O déficit fiscal começa a ser dominado; o Banco Central voltou a deter o controle sobre a moeda; a inflação dá sinais inequívocos de enfraquecimento em pleno regime de liberdade de preços; o mercado interno começa a ser exposto à saudável concorrência externa; o processo de privatização vai, afinal, ser iniciado.

O tratamento contra a inflação é consistente, atinge, a um só tempo, as causas e seus sintomas. Falta apenas submeter à mesma terapêutica o resto do aparelho estatal — estados e municípios — e a política salarial, sem o qual se corre o risco de perder todo o esforço feito até

Se for adotada a reindexação dos salários, como ficou definido no projeto de lei aprovado pelo Congresso, estará deflagrado o processo de retorno ao vício antigo: o dos reajustes automáticos que, obviamente, não se restringiriam apenas aos salários mas seriam inexoravelmente transpostos aos preços, ao câmbio, ao mercado financeiro, outra vez aos salários e, assim, a roda da inflação voltaria a girar como girou até há alguns meses.

A disposição de vetar o projeto de reindexação dos salários aprovado no Congresso poderá render ao governo mais um mês. Mas isso não resolve o problema. Até há alguns dias o governo parecia estar apostando tudo nos indicadores de que o ritmo da inflação está caindo, o que de fato acontecerá no próximo mês. Mas a própria aceleração do processo de liberação de vários preços da economia está adicionando pressão inflacionária para os próximos meses. Não que a liberação dos controles burocráticos de preços seja, em si mesma, inflacionária. O caso é que é preciso um pouco mais de

tempo para que esse processo de liberalização da economia se aprofunde mais um pouco, a fim de que seus efeitos benéficos comecem a se fazer sentir também na rua. No caso da gasolina, por exemplo, é o próprio ministro da Infra-Estrutura quem diz que somente quando se der um fim ao monopólio da Petrobrás e, pelo menos, ao cartel dos distribuidores de petróleo é que o consumidor poderá beneficiar-se de todos os efeitos das medidas de liberação que por enquanto afetam só a ponta final de venda, ou seja, os postos de gasolina.

O mesmo acontece com o leite, item da cesta básica e que, portanto, pesará nas contas de inflação. O preço do leite C acaba de ser liberado após 45 anos de controle e, imediatamente, subiu 60%. Se a medida for mantida por tempo suficiente, todos os efeitos da liberação se apresentarão: os produtores nacionais voltarão a se interessar pelo leite e, mais que provavelmente, deixaremos de ser os menores produtores da América Latina, deixaremos de ser o 106º do mundo em produtividade nessa área, a escassez atual desaparecerá (hoje importamos mais de um bilhão de litros por ano) e os preços cairão. Mas, até lá, a medida só dará munição para os inimigos das reformas.

O mesmo fenômeno se repete em outros setores. E, num ano eleitoral, é muito improvável que o governo consiga conter a onda reivindicatória e evitar a reindexação dos salários que poria a perder tudo que foi conquistado até agora.

É chegada a hora, portanto, de abrir o jogo diretamente com a opinião pública, explicar-lhe claramente quais os sacrifícios que ainda terá de fazer antes de começar a contabilizar os benefícios e apelar para o bom senso da população. Se entender claramente o que tem a ganhar escolhendo o caminho que levou todos os que optaram por ele ao maior surto de prosperidade que a humanidade já viveu; e o que tem a perder cedendo à tentação de voltar ao passado, certamente o povo brasileiro não decepcionará o presidente que quer mudanças.